Canto Quarto

I

Forravão ricos sedas o apposento;
Na avelludado persio tapete
Brando sentia o pé. Cassoulas d'ouro
Exhalão os arabios perfumes;
Em vasos de alabastro transparentes
Vecejão raros matizados flores
Tibia luz temperada pª amantes
Frouxa allumia & dá realce ao encanto
Deste mago deleite q̃ hi respira.
Como um throno d'amor jazia arrumado
Fofo sophá que a plácido repouso
(se não á doce agitação!) convida.
Entrava nesta estª o cavalleiro
Com a formosa dama: elle inflãmado
De quanto amor q.to desejo accende
O deus dos corações em joven peito
Ella – como levada de um feitiço

C. IV

A que não pode resistir não sabe.

II

Convidava o sopha, instava a fadiga
E a bella reclinou-se — não deitada,
Não assentada, mas nessa indizivel
E dubia posição que toda é prazer
Desalinho requebro, enlêvo d'olhos
E talismans de lubricos suspiros.
Oh! suspiros, suspira o cavalleiro
Que a seus pés jaz, que as niveas mãos lhe aperta
E que lhas beija com ardentes labios
Por onde alma em delirio se evapora.
Ella tambem — ella tambem suspira
Nos olhos azues alveja a lagrima
Percursora do languido deliquio
Em que adormece a virgindade — e expira
Como expira innocente passarinho
Vaga errando a languida cabeça.
Dos olhos do mancebo fuzilava
O raio do prazer, vivos faiscos

D. Branca

Saltavão a atear ~~sa~~ a chama q̃ arde
No altar q̃ ao santo se prepara.

III

Os vestidos da bella vai professar
Estam.te ~~adornado~~ – um só veo liso & singelo
Mas q̃ diamantes nem q̃ tella d'ouro
Tranças tam lindas corpo tam fermoso
Encubrirão jamais? Uma cruz pende-lhe
Entre o seio que tremulo palpita
Uma cruz o fornilleja a bella
Não vejo eu reluzir mourisca lua
No turbante que envolve a baça frente
De teu lego amador? – Mas oh fraqueza
Faltal ao nossos miseros sentidos,
Que não vê mais q̃ amor q̃ amor sente!

IV

Não fallavão os dous, não: as palavras
E as linguagens dos homens são mesquinhas
São pobres de expressões q.do alma inteira
Rompe ao coração & acode aos labios

Não fallavão, mas diz tudo o silencio
Diz mais que as fallas; mudos se percebem
Mudos se entendem mudos se respondem
Nem tem mor eloq. a natureza
Que a mudez, que o silencio dos amantes.

V.

Porém rompeu-se alfim; uma voz doce
Languida como a frente da papoula
Que pende o ardor do sol, meiga e suave
Como o sussurro d'aura matutina
Entre as flores do orvalho rociadas
Uma voz disse: "Oh tem de mim piedade
"Oh! não abuses da fraqueza minha.
"Sei que te amo, conheço q̃ impossivel
"Me é não te amar; mas meu amor é crime
Mas esta cruz — E a cruz chegou aos labios
E os labios não ousarão de beijá-la. —
Oh se ao menos sequer tu a adoráras
Se convertido á fé commigo eterna

Penitencia fizesses dêste crime
Que ambos — ai de mim! ambos commettemos!
Oh! perdoarme o p.e S. Bernardo
E não pudera ser crime tamanho
O que ganhasse uma alma como a tua
Para a fé verdadeira."
Um ai profundo
Do mais intimo peito lhe responde
E estas vozes o seguem. — "Que disseste
O filha dos Christãos q. me has proposto
Eu que tudo perdi p.a alcançar-te
Que abandonei p. ti q.to homens prezão
Quanto p. valioso tem o mundo
Inda exiges de mim mais sacrificios
Desertar o meu culto & os meus altares
Renegar o meu Deus!"
— "Teu D.s é falso.
— "Falso o meu D.s & o teu é verd.ro
Quantos deuses ha pois na natureza

Eu adoro o q̃ fez este universo
O que nos ares suspendeu magnifico
Esses orbes de luz q̃ nos aclarão
Que provê nos areios do deserto
C'o orvalho obsequioso viand.es
Que tanto accende o sol serruma a chama
Para os cedros que crescem sobre o Lib.o
Como p. a rasteira humilde gramma
Que vegeta —
O D.s que me creou que no teu rosto
Pôz o traslado da belleza etherea
Este este é o meu D.s e falso é elle? "

VI

Os theologos sabem mil respostas
Para sophismos taes, porêm aos olhos
Do ignorante são verd.os furos
Que a sua ~~debil~~ pobre fé debil não ousa
Nem sabe combater. calou-se a bella
Mãe suspirou, & com profunda a magoa
Lhe pende o gesto sobre o niveo seio
E nas formosas mãos formoso o encosta

As lagrimas q̃ os olhos lhe arrasavão
Por entre os roseos dedos deslisando
A gotta e gotta cahem no regaço
E debulhada em prantos assim parece
Alvo lyrio do prado em cujo caliz
Chorou a aurora ao despontar do dia.

VII

"Oh! como te amei eu? Como ha nascido
"Este amor no meu seio? Separados
"Por este abysmo que entre nós cavarão
"Todas do céo & terra as potestades
"Quem nos unio assim? que força?...
— "A minha
Disse uma voz solemne e retumbante
Que estremeceu nos timidos ouvidos
Da donzella christãa como estremece
O som do bronze conductor da morte
Na orelha do pastor q̃ o seu rebanho
Pace longe do campo das batalhas.

E accorda ao estampido ~~in~~esperado
Que os echos dos mont.as lhe repetem

"Uni-vos meu poder": a voz dizia
"A quem submissos os destinos cedem
"E obedece a propria natureza."

VIII.

Mais vivo aroma os vazos recendêrão
Animou-se nas flores côr mais bella
E uma longinqua musica suave
Se ouvio com harmonias tam aereas,
Tam doces e arrobadoras de deleite
Que aos dous amantes alma se ~~alargava~~ extendia
A larga pelo peito de escuta-la.
Apossou-se pouco e pouco a magia
Melodia suavissima; uma nuvem
se converteu opaca no apposento
Opaca annuviou todo o apposento
A musica cessou silencio e tudo
E estes sonoros canticos quebravão
Mais breve estes sonoros hymnos se ouvem
Ao formoso som d'acordes harpas.

Coro
I

Desabrocha alvaflor linda murta
Desabrocha que amor te bafeja
Na tua folha ~~viçosa~~ lustrosa vereja
Nos vermelhos botões vem a abrir
Mas no louro onde o sangue vegeja
Salpicado dos golpes da espada
Segue a folha de finhe esmeraldo
Foi a gloria vencida d'amor

II

Filha filha do sangue real
Real é teu amante não chores
Rosa branca flor de Portugal
Brilha brilha do Algarve entre as flores
Appressae-vos q o tempo não pousa
Foge a vida nas azas do vento
Chega a morte de mãi fria lousa
Tudo acaba no triste moimento

III

Bemfadado, malfadado
O mancebo & a donzella
Emq. pera S. Antiago
Santiago de Compostella
Fugir do dia aziago
E do frade de cordão
E mais fugir dos orvalhos
Da noute de S. João
Que se quebra o encantamento
Ao pino da meia noute
Ao cantar do gallo preto
Se acaba o contentamento
Bemfadado &c &c

IX

As derradeiras notas deste canto
Se adelgaçava a pouco e pouco a nuvem
Té que rara de todo se dissolve
E um resplendor de luz na est.ª brilha
Que mais q̃ humana cousa se amostrava.
Alados genios & ligeiros fados
Além cortejo em compassada dança
A uma que parece alta rainha
De todo o imperio do ar. Tunica longa
De transparente azul celeste envolve
Mal recatados fórmos que revela
Em parte; e q.to ha bello no universo
E' menos bello que essas bellos fórmos.
Alvo de neve um cinto dá realce
Ao torneio do corpo & á côr da veste
Sua estatura mais q̃ humana s'ergue
Em gentil proporção. Fôra excessiva
Em beld.e da terra, mas augmenta

O sobrenatural dessa belda
Que d'ermas altas regiões descende.
Flexivel curta vara tem na dextra
E um simples diadema d'alvas perolas
Lhe c'roa a frente — o rosto — oh q̃ lho ha visto
Nenhum ôlho mortal — Um véo espesso
Um véo que não ergueu mão d'homem vivo
Nem erguerá jamais, lhe cobre o rosto

IX

Era Alida a formosa fada Alida
A rainha dos genios, & a senhora
Desses paços magnificos. N'um extasi
De pasmo & admiração cai a donzella
E a fada assim fallou — Tudo perdeste
Fº de Agar na terra tudo tudo
Mas se te basta amor um céo te fica
Desse odio em q̃ ferve na tua escolha
As venturas d'amor & as da fortuna

Tua livre eleição tenho aguardado.
E fiel á promessa que te hei feito
A cumprirei a risca — Rei do Algarve
Te disse eu, quando a este meu palacio
Te conduzio o fado — tu procuras
Aventura na terra: eu ta prometto.
Mas tem limites meu poder na sorte
E' forçoso escolher: no orbe que habitas
Felicid.e inteira os fados negão.
Toma estes dous ramos encantados
Com magicas palavras, guarda-os sempre
Nelles de teu futuro jaz a sorte
E ora te dou & em tuas mãos a ponho.
De louro é um colhido a luz escassa
Do crepusculo pallido da noute
Cô a mão direita & salpicado n'arvore
De sangue d'homem morto na batalha
De murta é outro ao pino da meia noute
Em dia de S. João ao luar colhido
Rociado d'orvalhos, e em formosos

Lagrimas de donzellas borrifado
Trez vezes tres com tres suspiros d'alma
Em cavallina aos tres. — Abotoados
Ambos estão e em viço, mas as flores
Só as verás desabrochar n'um delles
Quando no outro esmirrado & resequido
Folha & botão cahir. Volve a este paço
Então que o teu destino está cumprido
E o encanto quebrado — Assim te eu deixo
Té d'Agora — voltaste pois — os ramos
Do teu fado onde estão qual delles têm
Qual florido me trazes? —
De teu peito
Tira dous ramos o gentil mancebo
E c'um geito de alegre sobressalto
"Florece a murta (diz) & Brama é minha"

XI

"La fada lhe tornou: Florece a murta
"Florece a murta sim, e Brama é tua

Mas séra o louro ~~Da tua gloria~~ é extincta
O teu throno cahio, expirou teu reino
A tua raça é proscripta os teus altares
Fulmina o raio — vence um dos estranhos
Vence o D.s dos Christãos Do Alá primeiro
Emmudecem a fada, ~~pelo~~ poeta bella
Do principe desfinge esmorecido
Descoroçoou-te — a por vergonha o côro
E em voriado Jezão d'sua Alma anceia.

Ja na formosa cordova donzella
Que estatica esta scena contemplava
Os olhos claros, e todo o amor do peito
Nessa vista se expande se dilata
E agitação do espirito lhe acalma
Eia pois enolhi — clamou Ditosa
A mão do virgem, o meu fado é este
Esta é Ella minha ventura a minha gloria
Oh neste coração reine eu somente
E o throno dos Caliphos não invejo

c04

Nem o sceptro d'Amor. naquelle peito
Impere eu só; co imperio do universo
Disputem entre si os reis da terra.

Alida

Reinos imperos: Brama é quem adora-te
Eu no seu coração puz tua imagem
E a teus olhos rendi seu virgem peito
No momento em que a viste. Brama é teu
E só a perderás se allucinado
Teu florecido ramo abandonares,
E o deixares, senhor. — Então não posso
Guardar-ta o meu poder. O encanto é este
E o encanto que eu fiz quebrar não posso.
Filha do rei christão este é teu paço
Eu vo-lo cedo, amantes venturosos
Nenhum olho mortal póde este alcaçar
D'ora avante avistar — nem homem pode
Vivo na terra penetrar teus muros.
De nada receies gozareis tranquillos

As delicias d'amor. O vosso minimo
Desejo no ~~sentido~~ momento em q' o formardes
Vereis cumprido. Dae vedros folgados
A imaginação — riquezas — feitos
~~Riquezas~~ Adornos & manjares — q.te encobre
As entranhas da terra, q.te aquelas
Tem no fundo dos mares sepultado
Tudo antes vós terá no proprio instante
Que o desejardes — Porém ai se o ramo
Da murta desfrutar. ai se o desejo
Te pede ver florido o seu louro
Oh ai delle f.o de Agar não pode
Valer-te o meu podêr. — Nestas palavras
Fez leve aceno c'a varinha e subito
A formosa visão lhe apparece.

XII

Ficarão sós os dous amantes. — Cheia
De espanto ainda & admiração olhava
Pao seu vencedor a linda Brama

Com olhos onde toda se lhe pinta
A confusão do espirito. ~~"Explica-me~~
Lhe disse afinal – "explica-me este enigma
"Esta visão & os mysteriosos ditos
"Da fada, & as prophecias q. te ha feito
"De teu perd.º reino.. Porq.' razão
"Me conheceste, como é este mysterio
"Por mais occulto o tenho, como pôde
"Assim meu coração ao teu render-se
"Como entre n/s almas q. nascidos
"Forão p.ª odiar-se & aborrecer-se
"Tam forte amor travou. laços tam doc.?
Ao dizer isto os olhos derretia
Da namorada virgem o deliquio
De apaixonado amor, a mão de neve
Sôbre a querida não poisou do amado
Languidam.te a face lhe pendia
Sobre o agitado seio, & um desmaio

Suspiro sussurrou á flor dos labios
Como quando nas aguas crystallinas
A viração da tarde branda encrespa
A lisa superficie. Não cabia
No peito a Aben-Afan tam grossa enchente
De delicias de gôsto, accumulado
No coração tanto prazer dobrava-lhe
As pulsações incertas & apressadas.
Da formosa Christãa tomou nas suas
As delicadas mãos & convulsivo
Lhas aperta, acres beijos os beiços
Vão das mãos ás faces — & das faces —
Descem — Ao seio não que a virgem bella
Do lascivo deliquio o pejo acorda
E ao atrevido Mouro não consente
Audaz correr [cenar] o véo desse sagrado
Sacrario de pudor & formosura.

XIII

Cedeu o amante o amante aos rogos da modestia

E é tam grato ceder quando a ~~victoria~~ certeza
Da victoria de perto nos acena!
Cedeu: pois nos momentos que retardão
O gôzo do prazer mais vivo o tornão.
Contou-lhe então como perdº um dia
Na caça deparára este alcaçar
Da fada Alida & entrara sem q ousasse
Oppôr-se-lhe os leões que a porta guardão
Que os jardins encantados devorára
Vira os brilhantes paços e admirando
Uma p. uma tantos maravilhas
Longo tempo estivera, te q a fada
Lhe apparecêra tal como hoje a vira
E os dous mysticos ramos lhe entregára
Onde encerrado estava o seu destino.

XIV.

"Entrei, disse elle, entrei cheio de esperança
Pela vida que alegre se me abria

Diante de mim como horisonte puro
Sem nuvens, sem negrume: em breve ao throno
Subi de meus passados: e o diadema
Tam pesado! — na frente descuidosa
Não me avexava q̃ a minha alma livre
De paixões se espraiava toda ao largo
Pelo mar da existẽ. não ficado
Das tempestades que no peito humano
Alevantão desejos pensamentos
Cubiços, ambições. — Os meus fadados
Ramos todos os dias contemplava
E verdes sempre mas sem flor os via.
Começou a enfadar-me esta incerteza
Este vago tardar de meu destino.
E solitario só no meu albergue
Dias noutes passei lucto interior
Suspirando sem causa de tristeza
Melancholico & quasi aborrecido
Do viver que estava cheio de prazeres.

Se me antolhavão & q tão insipida
Me appareceu. — Travarão nesta as guerras
Entre os christãos & os meus. Nossas fronteiras
Passárão elles; entrou o mestre
De Santiago e horrido theatro
Se fizerão de guerra sanguinaria
Que não desafiamos. Sois vós outros
Portuguezes inimigos do descanço
Das delicias da paz, viveis no fogo
Ant Dos batalhas como vive
No fogo a salamandra. Acudi presto
Ao reclamo da guerra, e o meu alfange
Sabem-no os teus se corta na armadura
De christãos cavalleiros: duvidosa
Vacillou a fortuna entre o estand.e
Da roxa cruz e entre as douradas luas
D. Payo que talára os campos
Entrára as villas precedo
Da victoria, porem d/ marcha rapida

E tropeçou na estrada da conquista
Quatrom faux & Blanca te lhe abria
Co'exemplo dos reis cobrárão ânimo
Os povos, e sua antiga independ.ª
O Algarve sustentou. Depois terror
Rechassado o inimigo me occupava
Em guarnecer as praças dest'
~~Outras~~ edificar, e preparar-me
Contra nova invasão q em certo a tinha
Deitam inquietos ~~belic~~ bellicosos animos ~~animos~~.

XVI.

Uma noute prostrado de fadiga
Adormeci; era ventosa a noute
De outono & as folhas seccas q cahião
Sobre a tenda em q estava, e sobre as aguas
Dos desapegados ventos me embalavão
N'um somno mal tranquillo, mas pesado
De quebrantamento & lassidão. Dormia

Dormia eu nos encantos o ruido
Dos furacões & o som da tempestade
De meus sentidos todos só desperto
O ouvido que velava os reflectia
Na lua como rugidos de serpentes
Sybilos de dragões bramidos de tygres
Cantos de demonios malfazejos
De gemidos mais – descompassados vozes
De mortos ressurgidos n'hora aziaga
E em banquete d'horror sobre um sepulcro
Embriagando-se em sangue de parentes
Dá-me talvez p.r um nobemo
Deixavós q. a morte os tornou subito.

XVII.

O coração no peito comprimido
Me arrancava afflicto & o sangue accumulado
Sobre elle me pesava como a barra
De ferro sobre o peito ao criminoso

Não era sonho este era um extasi
Indeffinivel; mas não durou muito,
Nem, a durar, lhe resistira a vida,
~~Que era a~~ Senti coar-me um balsamo suave
Pelas veias & o sangue dilatar-se
Brandam.te p.r ellas. — Sôlto & livre
O coração senti, & a phantasia
Se descubrir da cerração medonha
Que a cingira. — Leves, leves fórmas
Diaphanas ligeiras como os ares
Me girarão n'um quadro transparente
De incerta côr, mas bella mas tam vaga
Tam delicada como serena aurora
N'ũa manhan d'Abril. Vagas & frouxas
As fórmas erão; logo mais sensiveis
Se relevárão pouco & pouco augmentão
E um paraiso um ceo d'ante mim era:
XVIII
Oh! como descrever-to um ceo de gloria

Um diaphano azul de estrellas bellas
Marchetado, mil anjos d'azas brancas
De strella em strella alegres revoavão
Lyrios d'alvura e camôzia espalhando
Rosas celestes & boninas do Eden
Pelo ar embalsamado de fragancia
Uma virgem trajando simples roupas
Que em pureza & candura resplendião
Uma virgem no meio deste encanto
Apparecer vi como a rainha
Desse paraiso como a divind.e
A quem os anjos todos se prostravão
E sobre q.m ff lyrios & boninas
Com amor ~~e em triumpho~~ desparzião.

XVIIII.

Sentia~~o~~-me arrobar-se-me a espirito
E coração voar-me como os anjos
Para a celeste virgem. De seu peito
Uma cruz resplend.e lhe pendia

E essa cruz, essa cruz como inimigo
Talisman affastava da donzella
Meu coração q̃ em balde forcejava
De approximar-se a tanta formosura.
Ella a virgem c'os olhos compassivos
Punha em mim, e um sorriso parecia
Em seus divinos labios consolar-me
E ao coração q̃ já desanimava
~~Esperanças~~ Alentar-lhe de esperanças. — Mas a força
Do talisman vencia, a cruz terrivel
Dardejava faiscas rutilantes
Como a espada de fogo q̃ fulminando
Nas mãos do anjo q̃ guarda o Éden defeso.

XX

Eu suspirava a angustia me opprimia
E em minha agitação se dissiparão
A celeste visão, o sonho. — Acordo
Acordo, mas metade do espirito

Não acordou em mim. — Ficou no fonte
A maxima força da minha irmã
Ficou-me o coração apoz da virgem
Correndo em balde. — Em balde exclamo em balde
Eu a verei mais! — Vinha a arraiada
Alvorecendo então no nosso oriente
Secreta inspiração não sei que d'alma
Que sente sem a ajuda dos sentidos
E parece no intimo do homem
Ser cousa alheia ou junto a humanidade
Me fez pensar nos encantados ramos
Brilhou diante de mim febil a esperança
Como um clarão sereno. — Como aquelles
Observo-os — oh no louro rendidos
Se empregavão os filhos — nos rumentos
Os botões como pelotas do oriente
Em torno de seteiros alvejavão.

E já n'alguns leve signal de abrirem
Se divisava, como em certos prados
Ao subir da manhã pintados corimbos
Seu riso envolto a medo descubrindo.

XXI

De alegria de júbilo insensato
o arraial
Meu campo despertei. — tendas de levar
Ordens apressado dei — a Sylvar tórno
E só no meu alcaçar longo tempo
Medito, & mil projectos um sobre outro
A qual mais vago aqui mais louco formo
Sobre o meu sonho, os ramos, o destino
Que Alina me fadára. — Alfim um dia
Levado d'um impulso repentino
Deixo a cid.e só, & confiando
A' minha estrella o dirigir-me os passos
Rédeas sôlto ao cavallo, e sigo a estrada
Que elle de si tomou. Certo caminho
Foi dos fronteiros, correu noite & dia

As margens do Guadiana, e pelas terras
Entrei d'Andaluzia; em fim chegamos
A um valle formosissimo & assombrado
D'altos carvalhos: por ahi partião
Os limites da Beira portugueza
Ahi parou: o sol no extremo occaso
Como n'um mar de luzes se affogava
Mas no resto do ceo já raras trevas
A estender-se começão. Voz e esporas
Emprégo, não se move o corcel fixo
No solo qual se fôra bronzea estatua
Em pedestal de marmore encravada
Longo tempo insisti; cerrada noute
Era já, desmontei, e n'um rochedo
Vizinho me sentei, & ahi na mente
A estranheza da aventura & dos fados
Entre mil pensamentos revolvia.

XXII.

Mas uma luz bruxuleando escassa
Por entre os ramos de viçosos platanos
Não longe descubri. ~~Veio-me a idea~~ Certo q̃ humana
Habitação será — approximei-me
Na intenção de pedir p.r essa noite
Gazalhado, & aguardar o descanso
Do meu corcel, ou em diversos trajes
A pé seguir a incerta romaria
De meu peregrinar mysterioso

XXIII

Cheguei; pequena ermida e solitaria
Estava entre o arvoredo: a luz sahia
Pelas fisgas das portas mal fechadas.
Entrei um subito horror de meus sentidos
Se appoderou — forravão todo o tecto
Ossos d'homem, caveiras, brancos uns
Do tempo, outros ainda mal cubertos
A pedaços de pelle ressequida

Coffo

De erriçados cabellos. — Uma tumba
Negra jazia a um lado, uma cruz tosca
Ao chão cravada, e dessa cruz pendia
Lampada que a luz funebre esparzia
N'estes objectos funebres — Absorto
Contemplava o terrivel monumento
Dos triumphos da morte, quando um fraco
Som quasi extincto ouvi de voz cerrada
Dizer = "Tu das trevas tu procuras
A claridade — achal-a-has, mas guarda-te
Abraza a luz amiudo.
Quem me falla?
Tornei eu, quem aqui nesta gelada
Habitação de mortos me conhece
Um q̃ ja no limiar da eternidade

Um moribundo. Segue o teu destino
A teu aspeito outrora obedeciaõ-me
Os espiritos todos e eu podera
Mostrar-te - mas tarde sinto a hora
Derradeira voar-me - expiro .. fecha-me
Os olhos - veste o meu burel - e entra
Nas terras portuguezas ... lá ... - A morte
O colheu - mas sons balbuciou indo
Inúmeros arrancos lhe fugiu a vida

XXIV

Combatido de varios pensam.tos
Passei a noute junto do cadaver
Mas alfim decid.o e resoluto
A correr todo o meu destino ás cegas
Accento-se o legado - disse eu, vista-se
O burel do santão, e avante á sorte
Os primeiros crepusculos do dia
Ja em vez de turb.e me cubria
O capuz agudo a frente, um nome escripto

Coffo
Abre um papel achei no seio ao morto
Hugo. Lembrei-me entaõ q̃ noutro tempo
A um Hugo Ermitaõ salvara a vida.

XXVI

As fronteiras passei — a pé caminho
De noute o meu corcel desparecêra
Sem perguntar estrada, sem vereda
Seguir mais q̃ a do acaso, q̃ já se olhavaõ-se
Por villas & logares q̃ eu passava
Os devotos aldeaõs. O rei Jº.
Junto me achei no alvorecer do dia
A um mosteiro — entoavaõ ~~des~~ cantico
Vozes tam doces como vozes d'anjos
No alto dos montanhos celebrando
As grandezas d'Alá. ~~Todo~~ enlevado
No mago encantamtº dessas vozes
Do templo estive á pta — franquea-la
Naõ ousava, cavounte no pedra.

collo
Mas retinhão-me circunspectos — Ao cabo
Disse eu Que importão nomes? D.s é o mesmo
Christo & Mahometh forão prophetas
Mas D.s é o mesmo Deus. — Entrei na igreja.

XXVI

Era um choro de candidas donzellas
Que alternadas o cantico solemne
~~Alternavão~~ Entoavão. Sentio-me eu tomado
Da religiosa e santa magestade
Que enchia o templo — Os olhos repousava
Com prazer innocente nessas virgens
Que p.r D.s renunciárão ã prazeres
A delicias da terra. Quando subito
Uma porta se abrio no fim do templo
E uma virgem entrou. Seu ar seu jeito
A mostrava entre as outras a primeira
E entre ellas parecia tam brilhante
Como em capella de jasmins a rosa
Ou como o lyrio n'hastea debruçado
Sobre o campo arrelvado de violetas

C.º 40

XXVII

Deu-me rebate o coração no peito
Era essa imagem q̃ eu via em sonhos
Essa essa propria — a mesma cruz brilhava
Em seu peito, perdi razão, sentidos
N'um extasi de gôso indeffenivel
Cahi como em delirio. Longo espaço
Devia de durar q̃ já no templo
Acord.º me achei só. — Acabára
A cerimonia & as virgens retirárão — e
Sahi então e sube que o convento
Era Lorvão, e . . .
— "Tu, interrompendo-o
Boama lhe diz — "Tu eras o eremita
Que em nossa igreja ũa manhan entraste
E que tam enlevado parecia
No oração? —
Era eu m.mo —

Oh D.s e eu mesma
Com q.ta devoção te contemplava
Tam joven eu dizia, e tam deixado
Do mundo ja! — Mas tu eremitão eras?

XXVIII

Eu sim. — eu q. extasiado em teu semblante
Ahi perdi o coração e a vida.
Ahi nesse mom.to se cumprirão
Os meus destinos todos. — O fadado
Ramo consulto. ~~Ditt~~ florece a myrto
Como alegre murchou depressa mais.
Ceos clamei e quebrado o meu encanto
Mas que fazer! — A noite veio. ~~Al~~ um proximo
Olival me levára incerto passo.
Em soidão minha alma se entranhava
Em pensamentos vagos em projectos:
Mais vagos — um corcel vejo passando.

Embridado, c/ mourisca sella tinha
Era o m.s fiel ador. chamei-o; corre.
A mim, alegre, estende-se abaixo ande (?)
D'alto cortado como convidando-me
A monta-lo: hesitei; mas dirigido
Por occulto Poder não é meu fado!
Montei, partimos, ~~[illegible]~~pe-me a entre poços (?)
~~[illegible]~~ Não vi Alida, mas teu nome, o sitio
Onde te encontraria em teu caminho
Para Cortella, como libertar-te
De teus brutaes donzéis (?) deveria
Tudo li n'uma tarja transparente
De jaspe- em lettras d'ouro. Outra vez parto
Co's mais fieis dos meus fui ~~[illegible]~~ embuscar-me
N'uma escarpada rocha: & te esperavamos
O resto sabei tu. Sabe-lo o Boaroa
E já teu coração me ha perdoado.

XXIV

1 Os laços da donzella se entrelaçarão
Como um feixe de candidos boninos
Em torno do collo do gentil mancebo
O propheta se avira nesse instante
Emmendára o Koran, & não vedára
A um anjo tal do paraiso a entrada

Fim do Canto Quarto.

8.bro 12, 1824

Canto Quinto.

I

Toca o fim a completas; era noute
Em Cacella, o branco sobre-vestem ~~o alvo~~
Manto c'oa roxa cruz, sobre a armadura
Reluzente, e ao chôro se encaminhão
De Santiago os nobres cavalleiros.
As espadas, terror do mauro Algarve,
Depõe junto do altar, & vão devotos
Ante o D.s dos exercitos prostrar-se
Em humilde oração. Ha poucas horas
Guerreiros sobre o campo de batalha,
Agora silenciosos cenobitas,
Rezão em chôro, amanhã, q̃ sabe?,
Correrão aventuras namoradas,
E nos braços de languida beld.e
Cumprirão o terceiro mandamento
Da m.to nobre respeitavel ordem

Od. 5ª

Da aud.e singular cavalleria

II.

Oh quem vê hoje na ponteada coma
Da aperaltada erguida carazinha
Brilhar am.ca cruz symbolo d'honra
De patriotas mold. & gloria q. pendêra
D'aureo collar em peitos d'aço fino
Peitos q. sem pavor q. entre feros
De lanças de azagaias se arrojarão
Quem que hoje a cruz santa de Christo
Pendão de gloria q. guiou ao oriente
Vasco Albuq.e & Castro — a roxa esp.a
De Atayde q. arrojou os Guinnas
Nos castellos do Algarve, pendurada
Por venaes beijos q. traidores fardão
Pelas libres da infamia & só injustiça
Quem de sua nobre origem cogitando
Ousara de dizer são cavalleiros,
São portuguezes cavalleiros?

III

Tremolava a band.ra de Santiago
Nos muros de Cacella que vencêra
Aos nobres cavall.ros se rendêo
Mas Tavira resiste; & fatigados
Os de Christo & Mahometta formarão tregoas
E da continua guerra repousavão:
Já gram parte do Algarve submettia
As armas de D. Paio & dos seus freires
Tavira a forte, Sylves a maritima
Firmes porem sustentavão porfiosos
Ao mouro rei avassallante croa
As principaes então e as mais famosas
Em votos & vigueros ennorerós
Por todo o sequem dos aridos Algarves

IV.

Findára o chôro, e a hora do vespalho
N'um fresco eirado á ~~fonte~~ lua passeiando

Coxo

Os cenobitas-campeões aguardão.
De batalhas terriveis fallão velhos
De justas e torneios do bom tempo
Que foi, moços d'amores e trovadores
D'aventuras e louras q mais prazem
A id. em que beija o flor dourida
E folga o coração no peito alarga.
Sabei, disse D. Alvaro, senhores
Que doces jubões tenho eu q os mais prendados
D'elrei de Leão não tem q ver com elles,
Pena é q em terras nossas não há caça
Com q entreter o tempo destas treguas
Serão vereis
Grão desejo tenho
De ver eu — Mem do Valle respondia
Que as minhas aves até aqui as tinhas
Em q pese a D. Alvaro, as melhores,
Que hei visto em vida minha; mas p.er
Com a vós direi [illegible]

- Poi cavalleiros, foi Prigoro é ocoro
Mas desgôsto será. Sabei q̃ em Arte
E' a cousa melhor de todo o Algarve
— Mister é de passarmos p.ª Tavira
Mas em pazermos estamos de impedir-nos
Não ousarão os mouros, & se ousassem
— Tanto peior q̃ se pra perder fôra
Volvem á turma os jovens cavalleiros
Vamos & amandam ja — Forão-se ao mestre
E do que hão concertado lhe dão parte

VI.

Com prud.ª D. Payo & bom aviso
Lhes ponderou da empresa os contratempos
Quanto cêrcos erão de suas terras
Emuheres os mouros. Nem p.ª isso
— Accrescentou sorrindo o grave Payo —
~~Lhes~~ quero eu mal, que há hi formosas mouras
E a ver taes cavall.ros cortemodos

Cº 5º

Não estão ellos — Rindo agradecêrão
O Comprimtº ao mestre, ~~ao outro dia~~ & ~~hoje~~ lhe dava
Ouvido a sua ida lhe dissérão
De paz e guerra irião bem armados.
E assim no alvor do dia se partirão
Com s/ aves & armas ~~bem montados~~ cavalgando
Em andaluzes rechinchões ginetes.

VII.

Seis erão os mancebos, mas tam guapos
Tam gentis cavalleiros não vestirão
Arnez & malha nos hispanos terras.
Nunca em terras de Hesp. arnez ou malha.
Co denodo & desejo desta ida
Para quem p'rigos são delicia & brinco
Caminho vão direitos de Tavira.
Passão a ponte
.....
E ás frescas margens da ribeira florida
Onde Antor jaz, alegres assomavão

Suas aves a soltar seguir-lhe os voos
E a entreter-se em folguedos innocentes
Disputos joviaes, & outros singelos
Passatempos de alegre confiança.

VIII.

Mas o diabo que jamais não dorme
Quando vê gente moça em bom caminho
E que não pára sem fazer dos s/
E os metter em camizas de onze varas
O diabo se deu aos diabos todos
De ver seis rapazetes tam bem postos
Tam galhardos & bellos de sua regra
Cumpridores fieis & mais honestos
Que o mais honesto monge da Thebaida.
Or a saber é que o tal amigo
Lucifer, Belzebut, ~~demonio~~ Satanaz, eliote
Demonio ou como quer q̃ é s/ graça
Na minha terra as beatas o designão

Cto 5º.

C'o extravag.te nome de Baetas
Nome, q̃ primeiro pude achar o furo
Da ethymologia, e desafio
O Carmelita author do diccionario
Que traduziu -tintin- pratos quebrados
Déste tamanhos saltos ao miolo
Como ao eu dei p.a encontrar com elle.
O diabo pois que em fim este é seu nome
Tanto fez q̃ até Santos da Thebaida
Com s/ tentações saltou do acêrto
E os metteu sem medo á queima roupa
Com cilicios, jejuns & agua benta.
Como lhe havemos de escapar nos outros
Pobres & miseraveis peccadores!

IX

E como pôde entrar este inimigo
Jurado da adamitica progenie
Os austeros limites da Thebaida?
Com moças: moças são cousa do diabo.

Se é que o diabo não são elles mesmos
Que em q.to p.a mim D.s me perdoe
Por taes as tenho ás tentações malignas
Que sinto cá p.a dentro quando as vejo
E me dão taes vontades... Abrenuncio
O diabo elles são, ou elles delle.

X

Pois o pae da malicia que bem sabe
O poder de taes armas perigosas
Assentou de apanhar uma dos seus
Os jovens cavadores. Vai e enfia-se
(Que é mestre nisto e não lhe custa nada
Estender-se agachar-se, encarquilhar-se
Acassapar-se curto e pequenino
Como um mosquito ou alto alevantar-se
Como a torre dos clerigos) enfia-se
No papo d'um folião dos da caiada
E o folião que fica como lá dizem
Co diabo no corpo, larga o pairo

E ... ainda a voar p'esses ares
Voou voou, té que estacou mui longe
E se poz a pairar como quem mira
a pila bem p' empolga-la
A caça & se ~~prepára~~ a empolga-la.

XI

Acertou q' o falcão dos 2 galgos
De D. Alvaro era. "Estranho vôo
Bem do valle lhe disse — é o da vossa ave
"Nunca vi um falcão ~~voar~~ desta arte"
Crede V.a D Alvaro lhe torna
Que é fino caso a que elle paira agora.
Que esse não ha hi ave em toda a Hesp.a
Que tal a avente & mate — Ir-lhe deixo alem
Volve o outro — Tal é em bom porém credo-m
Que a minha fort.te e não a outra a certeza

XII

D. Alvaro ficou, e por um trilho
Apressa-se erundo entre ... ...

Motte viçoso fragueiro & cortumoso
A mais agros caminhos; — Já chegamos
A um valle estreito que em redor fechavão
Ingremes escarpados serranias
Tam aridos tam sêccos e escalvados
Quanto era amena, verdejante & bella
A varzea que um arroio dividia
Despenhado do ~~cume~~ alto da serra
Com ruido em ~~pururuca~~ catadupa
Onde em brilhantes prismas ~~[illegible]~~ ~~dividia~~ convertia
O matutino sol seus raios puros
Que alli nas côres de Iris se dividem (lá se extremão)
A relva de boninas esmaltada
Amorosos perfumes recendia
E aquem alem festões de verdes balços
Prendião com seus ramos enlaçados
As viçosos figueiros: Ramalhetes
De murta em flor brotavão pelo prado.

E á sombra dos mais altos arvoredos
~~Obumbra~~ o tenro arbusto delicado
a miuda folha delicada recortada
Que em nossos bosques semeou de perolas
Para enlêvo da inf.s a natureza:
Oh id.e feliz em q. eu via
As alvas camarinhas resplendo
No limpido ceirão & as cubiçava
Mais que as da bella Egypcia malperdidas

XIII

~~Sobre~~ este ameno delicioso valle
Paira a primo o falcão; mas extasiado
Nas bellezas do sitio & formosura
Da grata solidão só pensa e cuida
Na maravilha que lhe encanta os olhos
Quando subito ave qual setta
Lebre fugaz saltou de espessa moita:
Desce veloz & atroz d'arvores densas
A' vista se escondeu do cavalleiro:
Vê la baixar & correr prompto ao sitio

Que lha occultava foi um só manto

XIV

Facil era a entrada da espessura
Por muito lado onde as arvores fallecem.
Dentro; e a casa que eu vi . . . Tenteio embalde
As chordas do romantico alaúde
Que os genios dos montanhos me affinárão
Para os singelos sons desalinhados
De meu simplez cantor — falhão-me os termos
Desaffina a canção — Que verso pode
Descrever os segredos da floresta
De Almargem onde encantos estupendos
Nos ermos feros celebrar se hão visto
As fadas & aos espiritos do monte
Florestas onde jamais pé de homem vivo
Depois do pôr do sol entrar não ousa
E só do alto da serra o pegureiro
Viu luzinhos (signal certo de bruxos)
A fervir acenderse e um lado e outro

Saltando como estrellas namoradas
Que viu o grego cantador dos povos
Ao troando som de harmonias espheras
Baillar no azul doceo os trepeintos
Ou perd.º vivend.e ~~de~~insipido
De medo ouvirão confusos gargalhadas
Estranhos cantos

XV.

Viu sôbre a relva á deleitosa sombra
Do espesso arvored.º adormecida
Joven beldade _ Oh! se anjos divagando
Acaso pela terra, adormecêrão
Algum'ora em recinto delicioso
Que lhe fez recordar do Eden os bosques
Seu formoso dormir fôra como este.
Alva ligeira tunica apertava
Pelo meio do corpo delicado
Cinta de verde-côr, donzadas tranças

Sem mais ornato que o gentil ondado
De seus proprios anneis se debruçavão
Por hombros onde quebra a fôrça do alvo
Ligeira côr de desbotada flora.
Os olhos . com as palpebras formosas
Fechado tem o somno esse thesouro
De brilho & de innocencia; mas nos labios
A innocencia sorri. — A um lado jaz-lhe
Pequeno l.º — o attonito guerreiro
No rapto dos sentidos olheador
Longo tempo ficou absorto mudo
Como a quem maravilha tam cortado
Lá rasgão a metade da existencia.

XVI

Que l.º será este? — Abre, e redobra
Seu pasmo. De orações & rezas santas
Em seu l.º christão. Como é possivel
Em terra de infieis virgem tam bella
Uma cruz que pendia ao lindo collo

Da bella Virgem sereno o movim.to
Do seio brandam.te se agitava
A certeza lhe augmenta. Christam virgem
Neste paiz de mouros — Oh roubada
Foi de certo & a seus barbaros ~~prazeres~~ deleites
~~A~~ A seus infames prazeres a reservão
N'algum castello proximo. — Sem dúvida
Mas como neste sitio & adormecida?
Baldão ahi de todo as conjecturas
Fugiu talvez, ou ao communica
Este sitio com parte mais escura
Do parque ou cerca do ~~vizir~~ mourisco paço
Onde encerrão a rettem. — Christam é ella
E eu christão cavalleiro q hei jurado
De defender a fé e a formosura
Devo . . . . Oque? — Liberta-la desses gryphos
Dos monstros que á innocencia se preparão
A devorar-lhe crua. — Devo oh sim, devo.

XVII

Desta arte reflectia o cavalleiro
E levado do zêlo — ardente zêlo
Da fé — travesso duende me sussurra
Ao ouvido (menos puro sentimento.
Vai-te espirito mau, não te acredito
Era boa a intenção: que importa ao caso [faz ao ponto]
Se profanete acaso algum desejo
Na tenção se ingeriu? O amor de barro
Torna-nos quebradiços trabalhadores
É raro a obra melhor do homem mais justo
O ouro mais puro da virtude humana
O q tanto de liga não encerra. [de liga vil por tanto não encerra]
Levado pois da fé, "Salva-la (clama)
"Salva-la é força e já!" — Toma a vos braços,
Salta na sella — e parte e corre, e voa.

XVIII.

No papo do faltão ria-se o diabo
Vendo tam mal sahir-lhe o estratagema
Ergue o laço onde creu ter apanhado
A virtude do santo cavalleiro

Co 5º

Nova crôa de gloria lhe viçava
Na honesta frente. Em tam escusa sombra
Tal formosura, occasião tam bella
Capacitou-se o diabo não podia
Que tanta força houvesse n'um mancebo
Que resistisse a tal. Mas onde a leva
Elle agora? Sabido é que o diabo
Que tudo sabe — só futuro ignora
Deu a voar & segue pelos ares
O jovem par no rapido galope.

XIX

Nos braços apertando o doce peso
Corria o cavalleiro, e lhe batia
O coração — duvido de ouvir. Ao diabo
Tam apertado estreitado consigo
Não bate o coração com tenções boas
Mas no entanto a donzella mal desperta
Do somno ainda que pensar não sabe
Do estranho successo que a acordára

Se vela ou sonha se anjos a conduzem
Ás regiões do céo, ou se o maligno
Espirito a arrebata ás profundezas
Do abysmo duvidosa, nem se atreve
Abrir os lindos olhos mas tremendo
Encolhendo-se toda, & mui baixinho
Resava

XX

Porém alfim curiosidade vence
Sempre afinal em feminino peito
Quem a leva roubada? anjo ou demonio?
Ver-lhe a cara deseja, & se elle é negro
Credo! — Mas pouco & pouco & pouco vai abrindo
O cantinho do olho — Alta a viseira
O mancebo levava, & o bello rosto
Que bello era e gentil se descobria
Entre as luzentes armas d'aço fino
E sob o elmo emplumado qual nos pinto
O triumphante arcanjo aos pés calcando

O anjo rebelde que venceu na plaina
Do ceo em regular campal batalha

XXVI

Ao encarar com geito tam formoso
O medo todo lhe fugiu do seio
E a grata persuasão que em corpo e alma
A levou ao ceo um anjo tam bonito
Certeza foi que de prazer celeste
Lhe inunda o coração. — Mas será sonho
Nem ella acabe sonho que é tam bello
Com medo de acordar os lindos olhos
Fogem da luz do dia e só entreabrem
Para gosar da angelica presença
Do roubador gentil. Entanto o joven
Sente o doce calor do brando corpo
Os membros repassar-lhe e dar rebate
Ao sangue que agitado já circula
E em seu tropel o espirito envolvendo
Já menos puros sensações e ideias
Já lembranças lhe fazem pecaminosas

E ao cabo tentações. Ja não surria
Mas olava pulo o diabo ~~descontente~~

XXII

Eis ao subir de pedregosa encosta
Agra, e difficil, do alto da montanha
Vozes mil a gritar — Ei-los vão, ei-los!
O roubador infiel ei-la a princeza
Acudi, acudi vingae no infame
Nossas injurias todas — E redobra
O alarido das vozes tumultuarias
E gritando correm e descendo
Dos lados todos breve tem cercado
O cavalleiro — multidão demasiosa ~~embalde o corcel volta~~
Que em furia cresce e em torno se amontoa.
Embalde cavalleiro a volta força
Embalde tenta desvencer-se de novo
E salvar-se na fuga — a turba immensa
De toda a parte já accode. Atropelada

Do fogoso cavallo amed.tos [illegible]
Ma' outros & outros vem; ceder é força

~~XXIII~~

Ceder. um portuguez & um cavalleiro
Oh! que pesado então lhe foi o leve
que a si seio aperta
O doce peso. ~~Desmaio~~ lhe fallece
Liezora — [illegible] Não ceder isso não. conseguindo abraça-a
Mas com ~~alegrando~~ a abraça & a defende
Defende a linda dama q ~~desmaia~~ estremece
A dextra brande a esp.a formidavel
A cujos golpes o infiel desmaia
E caem como espigos em culmosa
Seara d'estio aos golpes do ceifeiro.
Isabella? — Oh! despertada alfim do sonho
Suas magicas illusões se desvanecem
Cruel realid.e! Quem é elle?
Como a roubou & aonde onde é que a leva?
Porque assim o perseguem estes Mouros
Isto entende e conhece: assim pudera
Estar ella que lhe a face vejão
Se a reconhecem D'que horror a espera

Com os roubadores, os cavalleiros
Sem defensor — ou como hão de chamar-lho?
Se abraça e esconde o delicado rosto
No seio aspero e ferreo da armadura
Mas é já tarde já reconhecida
Foi da turba infiel. "Fatima" bradão
Fatima soa em torno — é este nome
Creme arrima do furor nos combates
A que resiste impavido um só homem
Fatima repettião embravecidos
Inventem mor o nome que os excita
Como se fôra magica palavra
Respeito lhes inspira — os golpes vibrão
Mas no meio do golpe a mão decae-lhes
E o peito deixa aos ~~golpes~~ botes desarmado
Do escudo do christão. — Já da matança
Já de tanto ferir-lhe cança o braço
E as forças como a pouco fallecer-lhe

~~Oh trance~~

~~Subito lhe~~ [illegible]

XXIV.

Força é pois succumbir. pereça embora
Embora mas a furia desses barbaros
Abandonar a victima innocente
Que elle insensato ao sacrificio trouxe
Uma virgem christam ceos! Estambella
Subito lhe acordou - resta-lhe um meio
De salvação ainda de esperança
O corno toca, os sons repete ao longe
O eco das montanhas - Ja o ouvirão
E o usado ~~som~~ som as Mem reconhecerão
Os socios que não longe conservavão
A ouvir o alarido da peleja!
O passo dobrão eil-os oh ventura
São a milhares armorica turba
Mas ai Jesu de Santiago! Avante Bravos
Santiago! E avante — Era rude estão do and.

Vidas como estas, caros são vend.os
E tarde (se a perderem) a victoria
Só coroará os lividos cadaveres
Do vencedor a quem se deu maugrado:

XXV.

O inimigo reina: sem os tronos
De figueiras que ahi jazem encastellão
~~Parte dos cavalleiros~~
Uns enq.to outros á lavoura viva
Seu trabalho defendem: já completa
É a trincheira & a tempo, q os cavallos
De cançaço & feridos se abatião
A seus frageis muralhos já se acolhem
Até da turba que os cerca se deffendem
Como leões á boca dos antros
Pelos f.os & presa combatendo.

[illegible] — as portas do sepulchro

Co 5º

XXVI

Ai ~~[illegible]~~ da formosa incognita donzella
Que ao destacar dos braços delicados
Do corpo do mancebo os lindos olhos
Cheios de amor e lagrimas levanta
Pa o ceo por elle e Adeos lhe disse
Adeos que breve foi tão amargado
O prazer deste abraço! — Oh crueis vezes
Sam meigos tam crueis! abrio-se lh'alma
Ao joven, e a paixão que lhe escondia
Sua chymeras vozes — toda lhe avulta
Có esse golpe de morte lhe rebenta
O amor tellí no coração occulto
Oh transe! — Amor travando o braço á morte
A eternid.e em meio daventava
Que abysmo se abre entre ella dos ss desejos
Os olhos do mancebo se enterrarão

E o sangue q̃ os feridos já vertião
Parou — nesse mom.to lhe suspende
A vida o coração da dor o excesso
A força do prazer. qual soem opportos
Ventos pavor em cabo procelloso
A socobrado nau. — Anjo da morte
Porque retraes a aza condoente
Que lhe estendias sobre a frente lívida?
Doce é morrer assim: mas todo o caliz
Do passam.to té as fezes negras
Bebê-lo oh cruel és anjo terrivel.

XXVII.

De novo jorra o sangue das ferridas
Volveu a vida — Oh deus clamou. seus labios
Demorados nas faces da donzella
Osculo imprimem o primeiro — & o ult.º
A virgem não corou. solemne e augusto
É o extremo da vida, não ha pejo
Na despedida — as portas do sepulchro

Toma a esp.ª c'um impeto que mostra
Forças maiores que dos as da terra
E sem mais proferir cae sôbre os mouros
Com furia tal q innumeros lhe caem
Aos pés d'um bote só, porém foi esse
De Sansão moribundo extremo esforço
Sôbre o montão dos victimas q immola
O sacrificador exsangue a curva
Sem vida cae nos [illegible]
Não ~~morreu~~ cahiu bravo em campo de batalha
Mais gloriosa ~~morte~~ quéda. nem deis lagrimas
A quem só derramou ~~com horror~~ em vida e morte
Sangue inimigo [illegible] — Mem não existe
Folgue por d'Agar sobre os tumulo

E quem é esta incognita beld.e
~~Ella~~, [illegible] a virgem, eu! sangue inimigo
Tem [illegible] da cruz nos m.tos veios gira
Sangue de reis sangue fatal — Rasou-me

A fé p.r entre as trevas de meus erros
Evita o crime, que os barbaros conluião
Irmão de Aben Afan — Eu irmão delle!

Toma a esp.a D. A.

~~XXVIII~~
XXIX

Com a morte de Mem Cardoso ganhão
Os infieis, e affrouxa nos de Christo,
O animo não, mas esse mais q. humano
Esfôrço gigantesco, e enthusiasmo,
Que não só p'rigos sem pavor arrosta,
Mas a infalivel perda, a morte certa,
Sem lhe attentar o horror, com gôsto encara.
Lassos de combater, de sangue exhaustos,
Que a jorros corre dos ~~golpeados~~ golpeados membros,
Os que fortes exercitos vencêrão,
E são terror dos bellicosos hostes,
Ante uma vil desordenada turba
De alvorotada plebe já succumbem.
~~Oh! horror do alto da muralha~~
~~Deodato largou seu montante~~

H

 Eis a correr do alto d'uma montanha

XXXV

Desceo longo sem cavalleiro
Annoso Alongor barbas venerandas
Nem vem armado nem seu trajo indica
Linhagem nobre. Mas nobreza d'alma
Brilha em s/ feições. Ao chegar perto
Dos combattentes moderou seu passo
E grave se approxima do tumulto
Com sereno semblante. Erguendo a dextra
Suspendei disse suspendei as armas
Escutae-me um inst.te — A inesperada
Falla do ancião ás ancia da peleja
O furor suspendeu, páru o combatte
E curiosos da causa que o alli trouxe
Attentos mouros & christãos o fitão

XXXVIII

Olhos formosos q̃ lhe a morte destes
Chorae vós sim chorae. — mas tanta perda
Ignora ainda a bella causa d'ella
Não o viste cahir gentil Fatima
Que no meio dos fortes cavalleiros
No chão prostrado supplice invocava

Ao ceo perdão, ao ceo misericordia
E geme como a Rôlla solitaria
Sobre o lascado ramo do pinheiro
Quando os ventos do outono tempestuosos
Da emigração a quadra lhe annuncião
Ao caçador cruel lhe ha morto o esposo
E c/ ternos arrulhos o chama ainda.

XXXI

Illustres cavalleiros escutai-me
Foi d'Azar ouvi-me: injusta guerra
Fazeis todos: o sangue desparzido
Neste dia fatal ao ceo bradando
Esta vingança — & todo ha recahido
Sobre m.ª cabeça. Eu a princeza
Fatima dos regios paços de Tavira
Na fuga auxiliei, & ao respeitado
Bosque d'Almargem a levei, e em guarda
A um eremita santo a dei em guarda
Mas esta que buscaes ha tanto tempo
Mas esta p.ª quem hoje heis combatido

Não é ja vossa, não. Fatima a bella
Areal Fatima ~~renunciou couto~~ aos erros & mentiras
De vossa falsa lei tem abjurado
"Christan é hoje . . . ."
"Ella christan!" — exclamão
A maura turba com horror & espanto
"Sim christan sou" — lhes diz alevantando-se
A princeza gentil, & no ar no gesto
Lhe brilhava um esplendor de magestade
Que entre essa multidão d'homens armados
Sanguentos golpeados parecia
Anjo da paz que vem de ordem do Eterno
Cruel flagello suspender da guerra.

XXXII.

"Sim christan sou; eo D.s só verd.ro
"Que a S.a santa luz abriu m.s olhos
Constancia me dara p.a o martyrio
P.a alcançar a immarcessivel palma
Que me espera no ceo — Cruéis erros armas
~~Dobre~~ m.s peito dirigi — tormentos

"Inventae Novos, tudo com delirio
"~~Conquistar~~ Receberei devos compuser d'alma
"Tudo — Piedoso disse que hei visto, — Para elle
A voz, & a vida; cai no gesto livido
Veo de morte se estende: amalfadado
No cadaver della que jaz por terra
Fixára ainda os desvairados olhos.
E do golpe fatal que inda ignora
Repentino ferido á força acudir;

XXXIII

Alvaro, & os mais christãos que a virão, tinha
Da maior & ultim. — não suspeitosos
Da arma desse mal; & allumiados
Entretanto confusão ~~da~~ tredo golpe
Por mahometano archeiro a vem ferido
De horror & indignação furiosos ~~bramão~~
Alvaro lhes bradou; amigos era
Este resto de sangue q' inda ~~giro~~
Em nossas veias ponho é p'reção tosca
Portuguez té a gotta derradeira

Que nos resta a viver? — Escassos heroes
Seculos fossem estes, á vingança —
Do crime tanto Vital botador desejo
Santiago & avante: n'é a victoria
O triumphando nos recebe a morte

XXXIV.

As fogosas palavras do mancebo
Nos corações, que apenas palpitavão
Exangues semimortos vida & fogo
Do enthusiasmo ~~infundem~~: Leaes rompentes
Leões investem sôbre o mouro, em furia
A jorros corre sangue: a vozeria
Dos combates gritos dos feridos
Do arrancar dos moribundos forma
Consonancia medonha. — Animado
Não era á guerra o venerando velho
~~A guerra~~
Que esperando salvar os cavalleiros
A custa de sua vida delle viera
Conhece todo Algarve ~~o honrado~~ e tam nome
De Garcia Roiz o mais vivo
E honrado memorias daquellas eras.

Com s/ trafico e vida renovando
Entre os mouros do Algarve & os portuguezes
Terra vizinhos grande accumulára
Haver de ouro & riquezas. Indo aos paços
De Sacem vender s/ mercancias
Lo a princeza Fatima acostumado
Era a fallar, & q.do convertido
A Christo m fé p. m.tos rogos della
A levou nos recontros encontr.
Que como o sonhou ninguem — Coninho agora
Sa de Alvez q.do escutou o arruido Faro
E a como soube do fatal combate
Que a apoiguar correu — Em vão salva-los
É impossivel, pois (disse elle) morra-se
Como homem tambem!" Empunha a esp.a
E sobre os mouros —

XXXV.

Novos ent.o do fatal peleja
Achella chegárão — Parte á frente
Cos s/ convertre, esperando ainda
De socorrer os nobres combat.es

Tavira passa os mouros atterrados
Do furor com q̃ vem passar o deixão
Chega — ai tarde! — Já lividos cadaveres
Sobre montões dos que immolou s/ braço
Jazem os sette heroes. trophéus d'entorno
S/ inimigos lhes são q̃ os precedêrão
E á regiões baixárão do sepulchro
Do vencedor annuncios avidos.

XXXVI

Mas os mouros do campo da batalha
Em vendo o mestre vir c/ furor novo
Apressados com medo da vingança.
Mas elle a quem respeito ainda sobra
De punir tão cruel aleivosia
Os preciosos despojos recolhendo
Dos nobres cavall.ros & do honrado
Mercador — & no alcance vae dos mouros
Que em vão fugem. Cruentos jazigos
As sombras dos heroes alli recebem

Milhares cahem. De Tavira as portas
Acossados os leva. & as portas q abrem
P.a acolher os s/ o mussulmano
Ao mestre forçoso triumphal entrada
Na capital do sobjugado reino.

XXXVII

Do reino a capital cede a D. Paio
M.or em Sylves o rei no forte alcaçar
Crêm todos & acabou co'infame jugo
Dos infieis em terras portuguezas
Jurára o mestre: bem guard.a & forte
Tavira deixa, e sôbre a antiga Sylves
Voi com a flor dos s/ ebrio de gloria

Fim do C.to 5

em 1 de Novembro 1824

9.bro 3 _ 1824.

Canto Sexto.

rio

I

Ai deti, Sylves, de tuas nobres torres,
Teu alcaçar tam forte! Quem resiste
As espadas terriveis de Santiago?
Ja deredor dos muros, que de lanças
Defrechos & besteiros se coroão,
Suas tendas assent-ou, suas azes posto
O invencivel mestre. Ja trabucos
Acertão, catapultas vem de rôjo,
Machinas, ligneas torres; & se dobrão
Acobertados couros protectores
Deenalados & assaltos: mas de dentro
Dos muros os cercados se apercebem
Para a defesa; asointes alcanzião
Duros contos ferrão as longas varas
Quaes incendiarios fogos arremessão

C.º 6.º

As inimigos fabricos. Redobra ;
Cordeira
Em uns e outros o perigo—
Prégão no campo frades indulgencias
Na cid.e os irmãos novos promessas
Fazem de houris & paraisos: folga
Entanto a morte & a [illegible]
C'um perfido sorriso a fome a par

II

Dom Paio em sua tenda rodeado
Dos cavalleiros principaes, com elles
Nos desenhos do assédio practicava
E no mais que a seu cargo & posto cumpre
Um homem d'armas entra e ao concelho
Annuncia q ao campo um mensageiro
De Rei de Portugal nessa hora chega
Que novas traz? — Sabe-lo-hei mui presto
Que não tarda com vosco, e homenagem
Diz só a vós dará. — Embora venha
E praza aos ceos que do valente Aff.o

Nos venha assim o teu ped.º auxilio.
Oras mister hemos delle: Cavalleiro
E generoso é Aff.º Nenhum outro
De toda a Hesp.ª demais geito deve
Receito do que hei ganhado: nos emporta
Que a levarmos ao cabo esta conq.ta
Nos ajude elle; senão — reis não faltão
Deus proverá e a n.ª espada ao resto

III

Arauto

"Da p.te do mui alto e poderoso
[Eternido] Respeitado p.r rei D. Aff.º
De Portugal e Algarves, o D. Paio
Mestre de Santiago cavalleiro
M.to nobre e esforçado vem D. Nuno
Sua embaixada traz." — Com ricas armas
Armado vinha o portuguez; em cima
Da malha sôbreveste d'ouro escuro

Orlada com franjões de fina prata
Passamanes dom.co & sobre o p.to
Bord.a a cruz azul insignia antiga
Do reino e embaixador q̃ o represent.a
Sep.o anuncia é. D. Nuno

Sr Dom Paio

Elrei e meu Sr q̃ a vós me manda
Vos envia saudar com amor q̃ preza
Muito estima vossas nobres ptes
E a respeitavel ordem de Santiago
De q̃m sois digno mestre. Sabei como
Provue a muito alto rei de Leão Castella
De Toledo de Cordova e Sevilha
Murcia & Jaen a meu Sr & amo
Elrei de Portugal neste s/ reino
Investido do Algarve, e vos ordena
Que lhe entregueis castello & fortalezas
E lugares & villas que teis tomado
E preito lhe façaes e homenagem
Como a senhor e rei. E mais vos trago

Ereu marcha com s/gente acertar tibios
vem elrei nelle Sr. com tenção firme
D'ajudar vos na santa empreza vossa
E libertar a/ terra do peccado
Jugo de mouros, no q. muito custa
Conseito d vossos esforços cavallros
Aquem honra d merece fora indigna
IV

D. Paio

Sejaes bemvindo vós ~~d D. Moniz~~ e vossa alegre
Mensagem q trazeis p.r D. Affonso
Portuguez sou d portuguez me preso
Deste dever o coração muito folga
De entregar as pomos d os sitios
A rei tal e Sr. — E em boa hora
Venha Me atornos nossa homenagem
E a conquistar comnosco o seu reino
Inda inteiro lho tem. Com mãos à obra
Vós uhaei cavallros — Ainda esta flor
Onde amanhã nos temos cerrado
(

Dentro da conq.ta está pensd.º
E .... Mas ao vejo-vos vir — E se — ..

De feito
Sorria Nuno, e em gestos se ex propõe
Deixando o vos S.r fé não duva

D. Nuno
Não tomeis S.r meu p.r má parte
Este sorrir - D. Albern. Afim de dizeis
Que o tender hi cercado, sei eu certo
Que algures elle está q̃ não em Sylves

D. Paio
Sabeis? — Nuno
Sim sei — Entrou recento ao meio
Como da infa. em comp.a a Holyos
Tudo o vi mouro subd.º os tornára
E elle só p.r estranho caso ainda
Salvára e liberd.e — q. cuido,
Na terra do convento depensando

Com um mouro o matára e em s/ vest.os
A preza disfarçado Aben seguira
Té a uns fossavéis paços onde a inf.a
Só com Aben Affon entrar poderão
E que subito os paços se sumirão.
Que certo havia alli encantam.te
Fugio elle; porém logo e sabio
Bem o conheceo e taes signaes tem posto
Que pode conselhar. — Dahi partiu-se
E elrei se fôra a lhe contar do roubo
E demandar da real inf.a
Que de vingar s/ honra coes f.a
Jurara Aff.o e Beatriz s/ esposa
A o pae mandara a lhe pedir do Algarve
O senhorio d'terras resoluto
A cabo d'esta f.o coa victoria
De Mafomethe. a tudo o Castelhano

Apertem, & eller com ...inho apren
ven do Algarve e s/ nobre esp.ª
Juron não embainhar sem q̃ no sangue
Do devassad.ºr mouro a ... lave.

VI

Mas se nunca assim. diz D Brião
Lá mouro está — que valle quem o sangue
Para acobrar? — Ahido se he prov.º
(Nuno Evolvera) com elrei vem p.ª sabe
E ... pode em caso tais decorroto
Certo que nunca terei ouvido
Fr Gil ... santo ...

Fr Gil! oh valha-no
Santiago! — a uma vi cavalleiros dizer
Traz com sigo ... D. Aff.º?

D. Nuno

Sim traz mas não sabeis q̃to mud.º
Está Fr Gil. Do diabo aprenderia
A alma p.ᵃ poder do bruxaria

O escripto cobrou q.' lhe fizera
De obrigação trocado em s.' sangue
E agora o dicto a q.m servira curava
Como o p.e ouvesse e maravilha
Ouvir contar as cousas que se hão feito
Por s.' intercessão; e peça mais fina
N'uma S.ta apregou ao fino diabo
Do que o P.e Fr. Gil fato ir ao choro
Rezar cos frades, ouvir missa inteira
E confessar-se até.
— Mas quem vê isso?
Ninguem senão Fr. Gil bem era claro
Se ouvia alguem forte milagre fôra.

VII

Disso os cavall.os dobrão logo
Que ao inimigo pregára o s.to frade
E o mentre encarreg.o da ordenança
Do certo mais governo que cumpria
Ao commendador aver, se foi com p.to

Do conselho da ordem ao comm.to
De Selir a esperar o rei Aff.o
Que p.a ali dir.o em marcha v.e

9bro 5

VIII

Já longo o cerco a parecer começava
Aos sitiantes: rapida a victoria
Té ali os precedeu: enfim o auxilio
Do monarcha porá termo as delongas
E acabará co' imperio musulmano
E os libertos Algarves. — Se pudessem
Todavia vencer sem esse auxilio!
Veda-lh'o a aus.a do esforçado mestre
Sem elle aventurar-se a dar assalto
Nem ousarão nem devem. Surdas minas
Lavrando vão caladam.te entr.o
Com direcção do alcaçar que o mais forte
Lanço é da praça toda do circuito
Segue de perto nosso trabalho promista
A volta elles mais bravos & atrevidos
Na subterranea estrada que já longa

Cresceu - promptos estão de peito ousados
A qualqr. cousa: ou contraminão o cruez
Ou repentino, abemq nord.a estancia
Dos inimigos os leve s/ trab.o —

IX

O ard.o ~~at~~ Nuno entre os pr.os sempre
voluntorio
É no no perigo e gloria. — Vozes sinto
Desapparece & vai á subterraneo um treco
Disse, parando na obra um dos sold.os
Escutemos, ~~silencio~~, Nuno desde
É alerta ouvidos e calado é tudo.
Vozes se ouvirão; mal distinctos ecos
Sons abafados como ~~voz~~ ÷ uns ais perd.os
Do infeliz aque vivo sepultou-se
Nas entranhas da terra & q em tantos
(Não!) conjurou o horror dos/ destino.

X

"Manso continuae v/ trab.o
Diz Nuno, descubramos donde vem
"Estes estranhos sons. — Vão pouco & pouco
Leve minando a dura terra

Já clara a voz se ouvia: feminino
Era o acento gemedor e aflito
E como supplicante: ~~rudes~~ crebros golpes
Se ouvião cõ' lam.tos misturados
E um rouco murmurar de voz austera
Supplicio algoz e victima parecem
Tam proximos estão que se distinguem
As fallas já.
"Pied.e uma voz tremula diz
Pied.e eu desfalleço, ~~[illegible]~~ eu morro. ah!
Amor
Bradou Nuno, alma os ferros
Salvemos esta victima innocente
Da mahometana barbara mald.e
Rompei d'um golpe só o estreito espozo.

XI

Abalado ferro, aos alviões nos mãos robustas
Cede a terra & cahindo patentea
A vista dos atonitos guerreiros
E sobrejo recinto demedonho
Subterraneo horrivel calabouço

Uma lampada funebre que ardia
Suspensa em meio triste luz reflecte.
Clara porém ~~nos ... estranha scena~~ na profundez do antro.
Em pé robusto mouro como estatua
De medo o mouro está: seus olhos fixos
Seu gesto em contracção de horrivel espasmo
O pavor a crueza o susto o crime
Alternados debuxa — tem na dextra
O instrumento de barbaro supplicio
Arrojo sanguento. Junto delle
No chão prostrada uma mulher — o pejo
Me acaba as forças nos thordos q' estremecem
A indecorosa posição, pinta-la
Meus versos ousarão? — Em terra ~~a face~~ ajoelhada
Pousava, e em terra ~~de joelhos~~ a face c'os mãos ambos
Cobre de pejo — o seio envolvem vestes
Mas o resto — Oh nós se teus mais bellos

Cº 6.º

Nem mais patentes callipygia Venus
As fórmas divinaes que nome e fama
Dão ao cinzel e ao marmore sublime
Matizão crus signaes o alvo dos ~~[illegible]~~ lyrios
Como soe no vergel tulipa roxa
Entre os lyrios brotar. — Mais se divisa
Outra flor ~~que~~ ——— Véo de Apelles nunca

XII

Véo de pudor cobrio os olhos castos
Dos guerreiros christãos. — Seu manto arroja
Nuno á infeliz, e com outra mão tomando
A barba hirsuta do algoz: — Malvado
Lhe brada — mas que vejo! tu! é tanto
Ou és tu a Mme ... como nestes habitos
Co'esse torpe infame renegado
Eterno D! ~~tua~~ ——— Vil monstro de valor
Falla, quem é esta innocente victima
De teu furor cruel? — Porq' o ferro

"Tam despied.? — Falla o neste inst.
"Amercuido morte... " Um suor frio
Cubrio o rosto, os dentes lhe batião,
E em contorsões os membros lhe estremecem;
Qual ceifeiro robusto a q.m nomesse
~~Colher~~ Tomou quartoam violento, c'oa mão tremula
Aperta a foice, e ~~em vão~~ chamar os somnos,
Brandos procura em vão, no aberto sulco
Sobre os feixes d'espigas, que ha colhido,
Cahe ~~apertado~~ opprimido domin & quebrant.te

~~XIII~~ # #

Nuno

"Miseravel! — Soldados, segurae-o
Mas respeitae o sangue desse monstro
Ao cutelo votado da justiça.
E vós senhora cobrae força & animo
Que não estais com barbaros: respeito
E piede achareis. Amparo & auxilio
Por cavalleiros e christãos devemos

As damas: nem nos veda a differença
De culto e religião:

Com gesto a dama
Onde apesar do pejo e abatimento 26.
Sobresae dignid.e e formosura
De nobreza e virtude, alevantando-se
Gravem.te o interrompe co'estas vozes
XIV
"Meu culto & religião já é o vosso
Christam sou & christam hei padecer 265
E de meu padecer uma só queixa
Tenho elevar ao céo que lento e brando
Não me haja dado a suspirada morte.

Nuno
Nobre dama, com nosso ao regio Affo
Vinde e recebereis honra & justiça 265
Qual se vos deve; ~~o~~ nome e sangue ignoro
De tam bella senhora; ~~ainda ignoro~~ mas é certo
D'alta progenie o tenho.

Dama
Eu mal bem Alto